

## SEXUALIDADE: IDÉIAS EM CONFRONTO \*

Ivonete Maia

Bacharel em Letras pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará. Auxiliar de Ensino do Departamento de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará.

Tentativa de confronto entre pontos de vista de Michel Foucault e idéias expressas em teses de médicos brasileiros, no século XIX. A medicina como campo de exercício do poder, instância de poder e mecanismo de vigilância. Alusões e metáforas de um discurso autoritário.

### 1 — INTRODUÇÃO

A nossa proposta é uma análise do discurso sobre o corpo e a sexualidade, segundo Michel Foucault, e sua aplicação ao estudo das origens do discurso sobre o corpo no pensamento médico brasileiro do século XIX.

Há um ponto de partida: a *História da Sexualidade I — A vontade de saber*, de M. Foucault, e a coleção de teses

---

\* Trabalho apresentado ao professor Rogério Luz, na disciplina "O Discurso sobre o Corpo", do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no aludido século.

A leitura e a interpretação de Foucault foram acompanhadas de um esforço de pesquisa junto à Academia Nacional de Medicina, em cuja biblioteca estão as teses referidas.

Neste trabalho tentamos confrontar o pensamento de Foucault, dele retirando algumas idéias básicas, com as posições proclamadas pelos médicos, cujo discurso toma uma só direção, pelo menos nas teses que selecionamos: a direção que assegure uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora, corroborando, assim, uma das expectativas de Foucault.

## 2. *Realidade brasileira*

Parece-nos razoável uma sucinta configuração da realidade brasileira do século XIX, tomando, para isto, referências de três autores, que, sem triunfalismos, se debruçaram sobre tal realidade.

Naturalmente enfatizaremos aquelas colocações que possam servir como “justificativa” para o comportamento da classe médica, de um modo geral classe oriunda da aristocracia rural. Uma classe que exercia incontestável liderança no seio da sociedade, que poderia até mesmo aparecer com rompantes liberais, mas que privilegiou, no seu discurso, o autoritarismo assimilado, porque vivido, no recinto familiar.

Sérgio Buarque de Holanda, ao analisar a herança rural deixada pelos portugueses, assinala que a esfera da vida familiar foi sem dúvida “aquela onde o princípio de autoridade menos acessível se mostrou às forças corrosivas que de todos os lados o atacavam”.

O quadro familiar exerce seu poder e impõe seus valores. Poder e valores que interferem na postura social.

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portu-

guesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais. É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição. <sup>1</sup>

A influência da aristocracia rural, no século XIX, situação que só veio a alterar-se com a República, pode ser sintetizada assim:

Na Monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, quem monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando, e fundando a estabilidade das instituições nesse incontestado domínio. (P. 41).

O século XIX é considerado por Fernando de Azevedo como o século das perplexidades. Perplexidades que nascem “do antagonismo de interesses que cindiam a sociedade em facções extremadas”.

Certamente as classes, agrupando e separando as profissões, influíram poderosamente, por todo o Império e na República, sobre a escolha das profissões liberais que passaram a ter uma supremacia evidente, como ocupações nobres, sobre todas as de caráter técnico, manual e mecânico. Em nossa elite, porém, quase inteiramente constituída de advogados, mé-

dicos e engenheiros, foram aqueles bacharéis e doutores que adquiriram, na hierarquia interprofissional, maior autoridade e prestígio. A atração exercida por esses dois tipos de escolas, as de direito e as de medicina, mais de acordo com as nossas tendências intelectuais (o próprio ensino médico permaneceu durante muito tempo mais teórico e especulativo do que experimental), foi tão intensa que não tardou a estabelecer-se grande desproporção entre o número de médicos ou bacharéis formados e os que exercem a profissão escolhida, em geral, aos 18 anos, menos por tendências individuais ou por vocação do que pela influência social dessas carreiras.<sup>2</sup>

A partir de 1821 cuidado especial é reservado à organização e aperfeiçoamento do ensino médico, com numerosas decisões referentes à sua estrutura.

A Constituinte, em 1823, debate projeto que se relaciona com a educação física, moral e intelectual da mocidade brasileira. Ao mesmo tempo, combate-se no Parlamento e fora dele a intromissão da Igreja nos negócios do Estado.

Assinala Wilson Martins que é nos fins da década de 1820 que começa a se constituir uma medicina brasileira. “A idéia do Paraíso terrestre cede lugar definitivamente à de Paraíso tropical que, em termos de higidez, despertava implicações bastante diversas, senão sardônicas”.

Até então uma obra gozava de visível privilégio: a Farmacopéia Geral, observada no reino e em seus domínios. Em 1808 foram criadas as Escolas de Cirurgia da Bahia, que começou a funcionar em 1815, e a do Rio de Janeiro, instalada em 1813, na Santa Casa de Misericórdia.

Os mais preocupantes problemas médicos eram as “febres” e as doenças infecciosas. A vacina entra na ordem do dia das preocupações governamentais. Vale dizer: a saúde da população começa a despertar atenções. Mas somente em 1829 o Governo manda à Câmara projeto que regulava o sistema de vacinação permanente em todo o Império. Diz Martins que:

A desconfiança popular contra as técnicas médicas modernas, simultânea, por um lado, com a sua fé nos remédios caseiros ou empíricos, e, por outro lado, com a necessidade imperiosa de combater as enfermidades, favoreceu o aparecimento ou o sucesso dos tratados de Medicina Doméstica, como o de William Buchan, publicado com esse título em Nova York, em 1829. Era, dizia o subtítulo, um 'tratado sobre o conhecimento, prevenção e cura das doenças mais agudas, tanto em crianças quanto em adultos', e nele vinha em apêndice um formulário doméstico pelo Dr. D. Hughson (*The Family Receipt Book and Domestic Repository*). Para as crianças o Dr. Buchan recomendava aleitamento materno, pouca roupa e folgada, limpeza, leite, pão, exercícios e ar puro. Seu capítulo inicial trata das febres, que eram, no seu entender, 'não apenas a mais freqüente de todas as doenças, mas também as mais complexas'. Entretanto, esclarecia contra as idéias aceitas, 'a febre é somente um esforço da Natureza para se libertar de uma causa ofensiva'.<sup>3</sup>

O Rio de Janeiro, a cidade das "febres", encorajou o aparecimento, em 1829, de Ensaio sobre as Febres, de Francisco Melo Franco, com observações analíticas da topografia, clima e demais particularidades que influem no caráter dessa doença na capital do Império.

Destaca Wilson Martins alguns fatos que refletem a preocupação das classes dirigentes pelos problemas sanitários do país, particularizando a publicação póstuma do livro de Melo Franco e a apresentação de projeto sobre o ensino médico, na legislatura de 1830, defendendo reformas estruturais e urgentes.

Em 1841 é publicado o Formulário e Guia Médico do Brasil, de Pedro Luís Napoleão Chernovicz, saindo em 1842 o seu Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias Para Uso das Famílias.

O tratado de Chernovicz, que veio destronar o de William Buchan até então em uso, foi certamente o livro mais divulgado no Brasil oitocentista; havia praticamente um exemplar em cada casa de família. A razão de sua imensa popularidade está no fato de que refletia a concepção artesanal, leiga e mágica da Medicina, com abundância de fórmulas para a fabricação caseira de medicamentos ou para serem encomendados nas boticas, além das medicações 'físicistas' (banhos quentes ou frios, semicúpios, suadouros, inalações etc.); o livro respondia honestamente ao que prometia no título e, dado o caráter naturista de suas prescrições, conquistou a fervente confiança de milhares de pessoas. (P. 266).

Mais uma obra merece registro: data de 1844 e é o tratado do Dr. J. F. X. Sigaud (1796-1856), médico francês residente no Rio de Janeiro — *Du Climat et des Maladies du Brésil ou Statistique Médicale de cet Empire*. Ele é um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que em 1835 passou a chamar-se Academia Imperial de Medicina, hoje a Academia Nacional de Medicina. Acrescenta Martins:

Tomando a climatologia como fundamento essencial da ciência médica, o livro do Dr. Sigaud instaura, no plano sistemático, a nacionalização da medicina brasileira; daí os seus minuciosos quadros meteorológicos e as explicações climatológicas das enfermidades. (P. 299).

Como represália à difusão e aplicação da Homeopatia, a Comissão de Saúde Pública da Câmara dos Deputados apresentou, em julho de 1845, projeto que regulava o exercício da Medicina no Império. Haveria nas províncias comissões médicas, delegadas de um conselho central, cujas funções seriam:

1. Examinar os títulos dos médicos, cirurgiões, cirurgões-dentistas, boticários e parteiras.
2. Velar em que qualquer dos ramos da arte de curar seja exercido de uma maneira conveniente e regular pelas pessoas já estabelecidas ou que se estabeleçam para o futuro.
3. Exercer vigilância nos casos em que alguma moléstia contagiosa ou epidêmica se declare nas províncias ou em qualquer distrito delas.
4. Autorizar (mediante exames teóricos e práticos) a indivíduos que se acharem suficientemente instruídos na arte de curar, a exercer qualquer dos seus ramos.
5. Fiscalizar as boticas.
6. Examinar os cemitérios e, do mesmo modo, os açougues e matadouros, os alimentos e bebidas expostos ao público, os hospitais, hospícios, colégios, conventos, prisões, depósitos militares e, em geral, todos os lugares onde houver homens reunidos. (P. 317).

Para Wilson Martins não se tratava apenas de uma das medidas destinadas a regulamentar o exercício médico e a fiscalizar a higiene pública. É, também, um dos fatos significativos do desenvolvimento cultural do país.

Desenvolvimento cultural que se afirmava num século decisivo para a história do Brasil. Um século de profundas mudanças econômicas, sociais e políticas. A essas mudanças não ficou indiferente o pensamento médico brasileiro. Uma classe que se colocava acima de todas as classes. Uma classe depositária de um saber que lhe permitia penetrar na intimidade do outro, mostrando a sua verdade. E dominando.

## 2.1 — O pensamento de Foucault

Ressaltaremos, a seguir, algumas idéias de Foucault.

Ao considerar os três últimos séculos, com suas permanentes transformações, ele acha que “em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva”. Admite que

possa ter ocorrido uma depuração do vocabulário autorizado: polícia dos enunciados. E também um controle das enunciações.

Definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. 4

Mas, no nível dos discursos inverte-se a situação. Ocorreu uma proliferação, acelerada a partir do século XVIII. E o que é relevante, tal multiplicação tornou-se essencial no próprio campo do exercício do poder.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente de uma maneira que não seja ordenada em função de demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. (P. 27).

No século XVIII o sexo é uma questão de "polícia". Não no sentido de repressão. "Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição". (P. 28).

Ver a população como um problema econômico e político foi uma das técnicas de poder no século XVIII. Natalidade, morbidade, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, formas de alimentação e de habitação são variáveis que se situam no problema.

No cerne deste problema econômico e político: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições... (P. 28).

Foucault chama a atenção para os colégios do século XVIII. O sexo dos escolares passa a ser um problema público. Os dispositivos de controle — regulamentos de disciplina — envolvem a sexualidade da criança. Sexualidade que existe a despeito de quererem negá-la.

Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reformas e planos de instituições ideais prolifera em torno do colegial e do seu sexo. (P. 30-31).

Realmente a medicina foi um dos focos que, a partir do século XVIII, entraram na explosão discursiva de que fala Foucault. Qual a perspectiva do discurso médico?

... proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele. (P. 32-33).

Os dois últimos séculos favoreceram a proliferação dos discursos, reforçando mesmo as referências a formas absurdas de sexualidade. Significa dizer que nos dois últimos séculos iniciou-se a abordagem de heterogeneidades sexuais.

Referindo-se à avidez de descobertas sobre o sexo, ao ponto de suspender-se interdições (é o extravasamento da vontade de saber), Foucault identifica o que chama de “focos-locais” em que se instaura o poder para chegar ao saber. “Focos-locais” de poder-saber: as relações que se estabelecem, por exemplo, entre penitente e confessor.

É no discurso, acrescenta, que se articulam poder e prazer.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (P. 96).

Foucault acha possível distinguir, a partir do século XVIII, quatro conjuntos estratégicos que deflagraram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo.

*Histerização do corpo da mulher* — aqui há um tríptico processo: o corpo da mulher foi analisado e identificado como corpo saturado de sexualidade; foi integrado no campo das práticas médicas, dada a patologia que lhe seria intrínseca; foi posto em comunicação orgânica com o corpo social, com o espaço familiar e com a vida das crianças — “a Mãe, com sua imagem em negativo que é a ‘mulher nervosa’, constitui a forma mais visível desta histerização”. (P. 99).

*Pedagogização do sexo da criança* — aqui há uma afirmação dupla: quase todas as crianças se dedicam ou tendem a se dedicar a uma atividade sexual; e tal atividade (ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”) contém perigos físicos e morais, coletivos e individuais. A preservação, no caso, caberá aos pais, educadores, médicos e às famílias.

*Socialização das condutas de procriação* — incitando ou freando a fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou fiscais (socialização econômica); responsabilizando os casais por todo o corpo social (socialização política); e conferindo às práticas de controle de nascimento, em relação ao indivíduo ou à espécie, um valor patogênico (socialização médica).

*Psiquiatrização do prazer perverso* — proclamou-se a autonomia do instinto sexual, isolando-o como instinto biológico e psíquico; fez-se a análise clínica das anomalias, procurando para elas uma tecnologia corretiva.

Foucault sustenta que ao longo de todo o século XIX aumentou a preocupação com quatro figuras que são “objetos privilegiados de saber, alvos e pontos de fixação dos empreendimentos do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso”. (P. 100).

Acha que as relações de sexo originaram, em toda sociedade, um *dispositivo de aliança*: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens. Dispositivo que teve sua importância diminuída com o surgimento, a partir do século XVIII, de outro: o *dispositivo de sexualidade*. Como o primeiro, se articula aos parceiros sexuais, mas de um modo diferente.

O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. O dispositivo de aliança conta, entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que

as rege; o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com *status* definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Enfim, se o dispositivo de aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal — corpo que produz e consome. Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social a qual é sua função manter; daí seu vínculo privilegiado com o direito; daí, também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a reprodução. O dispositivo de sexualidade tem como razão de ser não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. (P. 101).

Conclui não ser sustentável a tese de uma sexualidade reprimida pela sociedade moderna:

a sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder; esteve em expansão crescente a partir do século XVII; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo à sua valorização como objeto de saber e como elemento das relações de poder. (P. 101-102).

Ao periodizar a história da sexualidade, supõe duas rupturas: uma no decorrer do século XVII, quando surgiram

as grandes proibições, e outra no século XX, quando os mecanismos de repressão começam a afrouxar. No fim do século XVIII nascia uma nova tecnologia do sexo, não independente da temática do pecado, mas basicamente escapando à instituição eclesiástica.

Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância. Nova, também, porque se desenvolvia ao longo de três eixos: o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade específica da criança; o da medicina, com a fisiologia sexual própria das mulheres como objetivo; e, enfim, o da demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada dos nascimentos. (P. 110).

Essa nova tecnologia privilegiou três domínios: o “pecado de juventude”, as “doenças dos nervos” e as “fraudes contra a procriação”.

Mas as técnicas foram formadas e aplicadas sobre as classes economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes:

foi na família “burguesa” ou “aristocráticas”, que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção. Foi ela o primeiro lugar de psiquiatrização do sexo. Foi quem entrou, antes de todas, no eretismo sexual, dando-se a medos, inventando receitas, pedindo o socorro das técnicas científicas, suscitando, para repeti-los, para

si mesma, discursos inumeráveis. A burguesia começou considerando que o seu próprio sexo era coisa importante, frágil tesouro, segredo de conhecimento indispensável. A personagem investida em primeiro lugar pelo dispositivo de sexualidade, uma das primeiras a ser “sexualizada” foi, não devemos esquecer, a mulher “ociosa”, nos limites do “mundo” — onde sempre deveria figurar como valor — e da família, onde lhe atribuem novo rol de obrigações conjugais e parentais: assim apareceu a mulher “nervosa”, sofrendo de “vapores”; foi aí que a histerização da mulher encontrou seu ponto de fixação. Quanto ao adolescente, desperdiçando em prazeres secretos a sua futura substância, e à criança onanista que tanto preocupou médicos e educadores, desde o fim do século XVIII, até o fim do século XIX, não era o filho do povo, o futuro operário a quem se deveria ensinar as disciplinas do corpo; era o colegial, a criança cercada de serviçais, de preceptores e de governantas, e que corria o risco de comprometer menos uma força física do que capacidades intelectuais que tinha o dever moral e a obrigação de conservar, para sua família e sua classe, uma descendência sadia. (P. 114).

## 2.2 — *O discurso médico*

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fonte da atual Academia Nacional de Medicina, tinha como objetivo, ao ser fundada em 1829, promover o progresso e o fomento das ciências médicas e beneficiar, em geral, a humanidade mediante o estudo e a aplicação dos meios favoráveis à conservação e ao melhoramento da saúde pública.

As teses apresentadas à Faculdade de Medicina, por estrangeiros que desejavam autorização para exercer a atividade no Império, e por brasileiros que pleiteavam a cátedra

ou pretendiam o grau de Doutor, deveriam corresponder ao objetivo maior da instituição. Se essas teses eram aceitas por mérito ou por conveniência, eis algo de difícil avaliação.

A seguir são destacados alguns pontos de vista de teses que consideramos pertinentes para a elaboração do trabalho.

A higiene da mulher e a propagação da espécie é o tema nuclear da tese do Dr. José Tavares de Mello, apresentada em 1841.

A puberdade, diz, “é o momento da vida, onde a natureza, depois de ter dado aos principais órgãos da economia a maior parte do desenvolvimento, concede ao indivíduo de cada sexo os meios respectivos, pelos quais ele deve concorrer para a propagação da espécie”.<sup>5</sup>

A vigilância e os cuidados são assim definidos:

Quando uma menina aproxima-se ao termo da perfeição necessária para poder gozar o respeitável nome de mãe, e deixa entrever essa perturbação moral, inquietações vagas, e todos os mais sinais precursores da puberdade, reclama da parte das pessoas encarregadas de promover a sua felicidade uma solícitude particular e cuidados dirigidos para um fim diferente daquele, que ela exigia até então. (P. 10).

A felicidade da mulher dependia até do seu vestuário:

Se à confecção e à aplicação metódica das vestes juntar-se um melindroso asseio, e limpeza de todo o corpo sempre entretida com água, cuja presença não seja alterada por cosmético algum, ter-se-ão expostos os meios os mais próprios para conservar ou dar às meninas a frescura, beleza de cor, delicadeza e elegância naturais do corpo e das feições, e todas as vantagens superiores, que têm tão poderosa ascendência sobre o coração humano e que mesmo contribuem para a felicidade da vida. (P. 15).

As solenes alusões ao sexo e ao papel exercido pela mãe:

Mães prudentes, mães sensíveis, e verdadeiramente zelosas da felicidade de vossas filhas, vós únicas lhes podeis fornecer um guia fiel, um apoio sólido nos ensaios algumas vezes bem incertos de seu espírito, e dirigir convenientemente os primeiros impulsos de seus corações. Ensinai-lhes a moderar seus afetos, a não formar senão idéias exatas, explicando o valor real das relações sexuais, às quais a natureza e a sociedade as destinam. Sem preveni-las contra nosso sexo, representai o amor, não debaixo desse aspecto extraordinário, que dão sua imaginação exaltada, a leitura dos romances, e os juramentos dum amante, porém sim debaixo das verdadeiras formas, que ele toma no consórcio. Tornando-vos suas únicas conselheiras e confidentes, não acrediteis diminuir de modo algum o respeito que vos devem. . . (P. 23).

O Dr. Alexandre de Araújo Ribeiro apresentou em 1842 uma dissertação sobre a ninfomania.

Depois de considerações de toda ordem (origem da palavra, variações de nomes dados à moléstia, aberrações das faculdades intelectuais e afetivas do homem) afirma que a ninfomania pode aparecer em todas as épocas da vida da mulher, sendo mais freqüente na mocidade. E aponta como causas:

As paixões deprimentes, o amor contrariado, sobretudo, são causas que exercem muita influência. São também causas mui poderosas certas impressões recebidas pelos sentidos: assim a leitura de novelas, os espetáculos teatrais, bailes, as conversações indecentes, a comunicação com mancebos agradáveis, a cultura das belas artes, o desenho de formas masculinas, o estudo de uma música terna e melodiosa, tudo enfim que é capaz de determinar o excitamento e

eretismo e promover uma concentração de forças para os órgãos genitais, pode dar lugar à ninfomania. 6

O tratamento é minuciosamente indicado, sobretudo o tratamento moral, sem descuidar-se de outras indicações higiênicas e terapêuticas para a cura de tão perturbadora nevrose.

A cópula, onanismo e prostituição foram objeto de tese apresentada em 1845 pelo Dr. Miguel Antônio Heredia de Sá.

Preliminarmente há exaustivas considerações sobre o mal e o bem, para exaltar, no final, a lei fundamental e salvadora, aquela que organiza o mundo — a reprodução. E o seu privilegiado executor — o homem.

A cópula é algo grandioso. Para o organismo, a função que mantém o seu equilíbrio. Para o homem, o ato que lhe permite expandir uma existência efêmera numa existência ilimitada. E para Deus é a obediência às suas palavras: *crescite et multiplicamini*. Uma exaltação!

Lança pesadas críticas à realidade social do Rio de Janeiro. A cidade, aliás, é descrita: sua geografia, suas condições de habitação, sua atmosfera “impregnada de princípios deletérios, de gazes nocivos, o ar degenerado” (p. 13), males que afetam a constituição física da população, agravados com o descuido da higiene pública.

Lamenta a falta de exercícios na infância e a puberdade precoce, o extremo desenvolvimento do sistema nervoso e a predominância de sua ação sobre o organismo e deplora o desconhecimento da higiene alimentar. Todas essas lamentações são lançadas sobre o Rio e sua população.

Não é pois de admirar, e antes é rigorosa dedução dos agentes naturais, e dos vícios sociais, a endemici-  
dade da tísica no Rio de Janeiro. Clima úmido, abrasador, a atmosfera impura, impregnada de vapores aquosos, miasmas etc., vida sedentária, alimentação viciada, agitação moral, debilidade física, sífilis, onanismo, sodomia são a resultante — tísica. 7

Sobre a prostituição e depois de severo comentário a respeito da herança deixada pelos portugueses, no caso, assinala:

Nossa desmoralização ainda não é tão hedionda que espante por si mesma, mas nem por isso devemos olvidar de antepor-lhe um paradeiro, pois suas funestas conseqüências ameaçam corroer as gerações futuras. Entre todos os vícios um há que profundamente de há muito tempo devia preocupar os nossos estadistas e tornar-se os meios de corrigi-lo o seu pensamento de cada instante: é a prostituição. (P. 22).

Em 1845 o Dr. Antônio Pedro Teixeira indicava com veemência algumas regras higiênicas que deviam ser praticadas durante o desenvolvimento da puberdade. Nada lhe escapou. Que pretendia?

Favorecer o crescimento dos púberes de um e de outro sexo, coadjuvar o desenvolvimento de suas forças, dirigir sabiamente suas paixões, evitar com toda prudência o acelerar o momento em que costumam brotar em seu coração os impulsos de amor. 8

Os conselhos eram abrangentes: ar, lugares, leitos, banhos, vestuário, alimentos e bebidas, exercícios, repouso, vigília e sono. Conselhos que podem ser exemplificados assim: a ociosidade nas meninas causa nevroses; a equitação é útil aos mancebos; a dança só em lugares decentes; a vigília prolongada é prejudicial.

As paixões para esse médico e moralista devem ser dirigidas para o bem.

Saibamos pois da mesma maneira dirigir as fogosas paixões da adolescência, esforcemo-nos tanto quanto nos for possível para que se não concentrem em

uma só para a qual todas tendem a reunir-se, o que conseguiremos por meio de exercícios variados, que produzindo poderoso interesse aos púberes, faz com que suas inclinações e vontades tendam a diversos fins: divide e impera. As lições de uma moral sábia utilmente conjuntas com os preceitos de uma filosofia religiosa secundarão nossos esforços. (P. 29).

Outro médico, em 1845, inclui como objeto de sua dissertação o tema da prostituição, o Dr. Herculano Augusto Cunha.

Recorre a filósofos e a poetas antigos que reconheceram a necessidade da prostituição e considera que modernamente é ela um fato social, necessária mas vergonhosa.

Para a preservação da saúde pública ele clama por providências e por medidas saneadoras. Medidas que não excluem regulamentos severos, policiais e higiênicos, visando o controle da prostituição.

As prostitutas devem estar sujeitas à vigilância imediata da polícia, onde deverão ser inscritas. Para que mais facilmente sejam vigiadas devem ser acantoadas nas ruas de menor trânsito... Deverão ser visitadas por médicos competentemente autorizados para investigarem o seu estado de saúde. No caso de serem encontradas afetadas de moléstias contagiosas, serão obrigadas a recolherem-se a um hospital de venéreos, de onde não sairão senão depois de completamente curadas. Para isso é necessária a criação deste hospital, visto como o único que temos, o da Santa Casa de Misericórdia, nunca destinou enfermarias especialmente para venéreos. Sendo a prostituição clandestina quase exclusivamente exercida pelas escravas, que são quase um objeto de mero luxo, seria conveniente a abolição da escravatura nesta capital. Leis fortes que reprimam o charlatanismo, ou antes melhor execução das que temos. 9

Identifique-se no trecho a preocupação com o bem-estar público. E o seu direcionamento: a cidade.

Uma dissertação sobre a higiene dos colégios foi apresentada em 1858 pelo Dr. Antenor Augusto Ribeiro Guimarães. É um “esboço das regras principais, tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos colégios”.<sup>10</sup>

Primeiro são enfatizadas a necessidade e a urgência de reforma no sistema de educação, de renovação geral nos princípios, nos métodos e nos agentes que devem formar “o bom homem social”.

Há considerações gerais relativas à educação física, aqui privilegiando as influências das raças, da hereditariedade, dos casamentos, dos ares e das águas sobre as aptidões físicas e morais dos indivíduos. Há referências à infância, não escapando à minuciosa explanação tudo aquilo que permite o desenvolvimento equilibrado desse período da vida — aparelho digestivo, funções respiratórias, funções dos órgãos motores e dos sentidos, alimentação e denteição.

O aparelho sexual é algo que reclama os maiores cuidados. Na segunda infância o hábito do onanismo é o perigo maior. Para evitar tão feia travessura e o seu contágio são necessárias “uma vigilância contínua, muita prudência e reserva nas palavras e relações com a infância”. (P. 47).

A adolescência é objeto de comentários especiais. As moças têm o seu destino caracterizado nas palavras beleza, maternidade e fraqueza. E os moços? É nesse período que se consolidam o seu poder e a sua força. “Como a palavra maternidade implica beleza e fraqueza, assim paternidade implica força e proteção, portanto, se das moças a educação deve tratar de fazer sãs, elegantes e graciosas, aos moços deve tornar sãos, fortes e ágeis”. (P. 52).

A abordagem da educação moral e intelectual é precedida pela indicação das qualidades que devem possuir os educadores. E na base dessas qualidades a religião sustentaria a educação moral da infância e da mocidade. O exagero dos castigos corporais é condenável. Uma das necessidades: melhores salários para os mestres.

No final esboça uma higiene para os colégios, reconhecendo que há vícios nas escolas primárias e secundárias.

Ventilação insuficiente, tempo prolongado no estudo, falta de luz e de espaço são falhas que reclamam correção. Uma escola de meninas deve ser organizada com adequação ao sexo. Quando aborda o internato sugere um modelo, abrangendo tudo: cozinha, refeitório, banheiros, dormitórios, salas de estudo, acomodações para professores e demais funcionários, divisão do tempo (os banhos e as vestimentas devem ser regulados pelo bom senso).

O zelo pelo detalhe:

Para o sono bastarão sete horas, uma meia hora para se levantarem e uma outra para se deitarem. A capacidade do dormitório deve ser tal que cada aluno disponha de vinte e cinco metros de ar (à parte o dos meios de ventilação), janelas sempre abertas durante o dia darão entrada ao ar exterior e durante a noite será iluminado por lâmpadas; os leitos construídos de ferro conterão um colchão de clinas e um simples travesseiro; os dormitórios devem ser visitados várias vezes à noite. (P. 66).

Em 1878, o Dr. José Ferreira de Bastos Coelho escolheu como tema de sua dissertação o casamento. Caracteriza-se, então, o importante papel atribuído ao médico na higiene física e moral do casamento.

Ao tratar dos fins e utilidade do casamento há conceitos imperativos — “o homem não é verdadeiramente homem e a mulher verdadeiramente mulher senão pelo casamento”; 11 “o casamento é um meio de elevação moral” e posições claras a favor da indissolubilidade do matrimônio e da monogamia. O celibato? Não tem sentido, “é a irrealização das mais imperiosas leis, a transgressão das leis físicas e morais”. (P. 17).

A consangüinidade ganha destaque: os casamentos consangüíneos enfraquecem e degeneram os fracos, mas fortificam e aperfeiçoam os fortes, acrescentando:

Nunca a voz do médico se deve levantar tão alto como quando a sua nobre missão se torna necessária na intervenção do casamento; deve protestar energeticamente contra os abusos de todos os dias e, tendo estudado a natureza, imitá-la e fazê-la imitar mesmo todas as vezes que para isso for consultado. (P. 30).

A propósito da seleção que deve presidir o casamento e depois de mostrar resultados obtidos nos meios animal e vegetal, penetra um pouco na história dos povos antigos, chegando a uma primeira conclusão: os médicos de hoje, à maneira dos antigos povos, fazem uma seleção que não é útil à humanidade — é a seleção feita para o campo de batalha, para o extermínio, a seleção militar.

Felizmente para contrabalançar a influência nociva das seleções militar e médica, há por toda a parte um contrapeso vitorioso e com que se não pode lutar de modo algum, da seleção natural que é de ambas a mais forte. Na vida humana, como na dos animais e das plantas, a seleção natural é o princípio transformador mais poderoso, bem como a mais forte alavanca do progresso, o principal agente do aperfeiçoamento. (P. 52).

A herança não escapa a uma análise igualmente copiosa. Herança que distingue como conservadora e progressiva.

A distinção de herança conservadora e de herança progressiva, funda-se no seguinte fato extremamente importante, em indivíduos que, pertencendo a uma espécie vegetal ou animal qualquer, legam, não somente à sua posterioridade, as propriedades que herdaram de seus antepassados, mas também as propriedades individuais que adquiriram durante a vida. As últimas são transmitidas em virtude da herança progressiva, as primeiras em virtude da herança conservadora. (P. 59).

Outra questão é abordada: o cruzamento dos temperamentos, que também interessa aos higienistas. Mas outra merece longa análise: são os requisitos dos pretendentes à aliança matrimonial. Requisitos que condicionam a felicidade do casal e a moral da sociedade. O amor é tão relevante, no caso, quanto o estado físico e moral, para proteção dos filhos que necessariamente virão.

A higiene do casal: aqui o papel do médico é destacado, ganha um primeiro plano. Porque os abusos sexuais depauperam o corpo e o espírito, o coito exagerado poderá ser “um objeto de horror para a esposa e até origem de discórdia, de tédio e de ódio no sagrado recinto do lar conjugal.” (P. 72).

Há contra-indicações para as relações sexuais, visando a preservação do corpo, notadamente do corpo da mulher.

Todo o poder deve ser dado ao médico:

... o médico não deve limitar os seus conselhos à confecção do casal e, acompanhando-o na sua vida mais íntima, industriá-lo no que diga respeito à sua felicidade e de seus filhos, aconselhando-lhe respeito e atenção ao ato, que o perpetua: as libações amorosas deverão então ter lugar na maior calma do corpo e do espírito, quando todas as faculdades estiverem em completa harmonia. (P. 77).

Essa higiene do casal é predominante no terreno sexual, mas dela não escapam o estado da mulher depois do parto e até mesmo a moda, cujas novidades e artifícios prejudicam o corpo da mulher.

Prevenir é necessário:

Pela alta e nobre missão que ocupa, o médico, como sacerdote do físico e não poucas vezes do moral, deve ser de preferência consultado por um e outro pretendente logo que estejam, não diremos decididos, mas

ainda só inclinados a contrair a aliança matrimonial, a fim de que não estranhem ou julguem extemporâneos mais tarde todos e quaisquer impedimentos; e ele mais do que ninguém, como sabedor de particularidades que muitas vezes a nudez e a moralidade mandam calar, deve fielmente, cumprindo o juramento que o autorizou a dedicar-se a tão espinhosa carreira, industriá-los em tudo que diga respeito à sua saúde e à de seus filhos. (P. 83-84).

Ainda em 1878, o Dr. Horácio de Mello Correia apresentou uma tese sobre a histeria.

Com base em diversos autores definiu a doença e dela fez um histórico. Afirma que a histeria não é própria do sexo feminino, uma vez que a sua causa reside na predominância do sistema espinhal sobre o cerebral. As controvérsias são muitas, mas é inegável a sua frequência bem maior na mulher.

Passa então a discorrer sobre as particularidades da doença, declarando que é a partir da puberdade que ela ocorre e que é hereditária, sendo a educação um fator que pesa na eclosão ou no combate dessa "doença dos nervos".

Pode-se, sem exageração, dizer que a educação produz artificialmente a histeria; e nós só nos temos de admirar que o número das histéricas não seja extraordinariamente considerável, se atendermos ao sistema de educação que dirige o sexo feminino da alta classe em todo o mundo civilizado. A vida cheia de ociosidade e de emoções, a irregularidade, todas as excitações continuadas dos bailes, dos teatros, das leituras apaixonadas, a vida artificial enfim, do que se chama o grande mundo, favorecem e determinam o aparecimento da histeria. É um estado mórbido este, trazido por mil causas que atuam a todo momento, e que deprimem e enervam os indivíduos, levando-os inevitavelmente a adquirir a moléstia;

ajunte-se a isto as conseqüências desta vida irregular, os pesares, as decepções, as afeições contrariadas e todas as outras paixões deprimentes e far-se-á cabal idéia do valor desta causa mórbida — a educação. 12

Outras colocações: o temperamento nervoso favorece o aparecimento da histeria, o casamento poderá agravar. No homem o histerismo é provocado pelos excessos intelectuais, pelo onanismo e pelos abusos genésicos. E todas as moléstias agudas e crônicas, tirando do organismo a capacidade de moderar os nervos, podem causar a histeria.

Reconhece que essa doença é a que mais tem sido objeto de indagações e de interpretações. Sintomas e tratamentos são descritos, sem dispensar preceitos de higiene física e moral.

A loucura foi tema de tese apresentada pelo Dr. José Joaquim da Costa Júnior.

Primeiro compulsou autores antigos para situar o problema ao longo da história do homem. Só a partir do século XVII é que o assunto passou a ser visto com maior seriedade, afirma, acrescentando que só nos tempos modernos conheceu-se “a glória da fundação de estabelecimentos exclusivamente destinados à seqüestração dos alienados e ao seu tratamento moral”. 13

Exalta as idéias reformistas de Pinel e reconhece que a França é exemplar. Indica os requisitos indispensáveis ao médico alienista e faz uma minuciosa descrição do comportamento dos loucos e do tratamento (em casas de família, em casas particulares e em asilos especiais), concluindo pela necessidade de isolamento, sem descuidar-se de recursos morais como auxiliares do tratamento.

Como se pode verificar, estão delineadas, de um modo bem geral, no discurso médico, algumas figuras que passam não somente a ser objeto da prática médica, mas objeto de saber: a mulher, a criança, o adolescente, o louco, o celiba-

tário, a prostituta. A preservação do casamento está implícita em tudo e em todos os momentos. Preserva-se o dispositivo de aliança e, paralelamente, penetra-se na sexualidade. Adere-se ao dispositivo de sexualidade.

### 3 — CONCLUSÃO

O confronto que pretendemos fazer não teve outra intenção: procurar no discurso médico pistas que direta ou indiretamente convergissem com as idéias de Foucault.

Há uma certeza, qual seja a de que o assunto não se esgota na presente abordagem. Seria esta a primeira e mais importante conclusão.

De tudo, no entanto, há de concluir-se que:

- o discurso médico brasileiro, no século XIX, não escapou à influência de idéias que chegavam de fora e nem poderia ser diferente;
- em todo o discurso médico (instrumento e efeito do poder) está imanente a tática do poder, pois é preciso dominar o sexo, controlando-o;
- o discurso médico a que nos referimos é um discurso de classe dominante, intencionalmente autoprotetor.

### 4 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 10. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976, p. 50.
- 2 — AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**; introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. rev. e ampliada. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963, p. 95.
- 3 — MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. (1794-1855). São Paulo, Cultrix/USP, 1977, v. 2 p. 180-181.
- 4 — FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I — A vontade de saber**. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1977, p. 22.
- 5 — MELLO, José Tavares de. **Considerações sobre a higiene da mulher durante a puberdade e aparecimento do fluxo catamenial**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1841, p. 10.

- 6 — RIBEIRO, Alexandre de Araújo. **A ninfomania**. Rio de Janeiro, Tip. Francesa, 1842, p. 11.
- 7 — SA, Miguel Antônio Heredia de. **Algumas reflexões sobre a cópula, onanismo e prostituição do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1845, p. 18.
- 8 — TEIXEIRA, Antônio Pedro. **Sobre a puberdade em geral** Rio de Janeiro, Laemmert, 1845, p. 23.
- 9 — CUNHA, Herculano Augusto. **Prostituição**. Rio de Janeiro, Loemmert, 1845, p. 48.
- 10 — GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. **A higiene dos colégios**. Rio de Janeiro, Tip. Imparcial, 1858, p. 8.
- 11 — COELHO, José Ferreira de Bastos. **Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico**. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1878, p. 9.
- 12 — CORREA, Horácio de Mello. **Histeria**. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1878, p. 12.
- 13 — COSTA JÚNIOR, José Joaquim da. **Tratamento moral dos alienados**. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1895, p. 5.